

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

A Petrobrás e seus trabalhadores

Confesso que tive um alívio ao ler o texto do discurso do Marechal Castelo Branco sobre petróleo. Corria o boato de que o Presidente ia anunciar a quebra do monopólio estatal de petróleo. No lugar disso ele afirmou que esse monopólio "representa inelutável necessidade da nossa economia", e que "somente temos motivos para tornar maior e mais forte".

O que S. Ex.^a quer dizer com isso não sabemos. Tornar o monopólio "maior e mais forte" implicaria em acabar com as concessões das refinarias particulares. Mas isso é apenas uma hipótese, a melhor delas, e o fato é que o Presidente não disse uma palavra sobre as refinarias.

São justas as críticas que S. Ex.^a faz às distorções sofridas pela Petrobrás nos últimos tempos do regime passado, quando a empresa foi posta a serviço de uma demagogia inepta. Há hoje, entretanto, um problema muito grave e delicado: a reação contra aquele estado de coisas não parece ter sido conduzida com habilidade. O fato é que hoje muitos trabalhadores da Petrobrás estão descontentes e produzem muito menos do que deviam e podiam; isto, juntamente com alguns motivos de ordem técnica, explica a queda de produção da empresa. Reconquistar esses homens, reencutir no obreiro da Petrobrás o entusiasmo cívico pelo trabalho e o amor à empresa é necessidade premente. Não sei qual possa ser a tática psicológica a empregar, nem os remédios práticos, mas o mal é real e grave. E a revolução estará destinada, na Petrobrás e no resto, ao mais melancólico fracasso se ela não procurar entender e conquistar o trabalhador. Ainda outro dia um engenheiro da Petrobrás me dizia: "meus homens fazem o mínimo que podem".

O caso do angolano

É uma indignidade o que se está fazendo com o angolano José Lima Azevedo. Esse homem que lutava pela libertação de seu país veio para o Brasil em busca de liberdade, pois o Brasil anunciava sua simpatia pela causa da independência de todas as colônias, inclusive as de Portugal.

Depois de 1 de abril foi preso e in-

terrogado não só pela Polícia da Guanabara como pelo CENIMAR (Centro de Informações da Marinha) na presença de homens da PIDE, a sinistra polícia política portuguesa. Como não se apurasse nada contra ele, foi solto. Foi depois preso novamente, e desta vez para ser torturado com requintes de sadismo no CENIMAR, com a ajuda de policiais da Guanabara. Quando as denúncias dessas torturas chegaram cá fora, o Governador Lacerda, em um golpe espetacular, e certo da inocência de seus policiais, interrogou pessoalmente o angolano. Ele negou que tivesse sido torturado nas dependências da DOPS, mas confirmou que fôra torturado na Marinha com a ajuda de elementos da DOPS.

Depois disso o Governador Lacerda desinteressou-se pelo preso. E fez-lhe um grande mal. Apesar de ter sido excluído da denúncia pelo promotor e de ter a seu favor uma ordem de soltura do juiz, o pobre angolano, que teve a ousadia de dizer ao Governador a verdade que este não queria ouvir, continua preso, agora em um xadrez da Polícia Marítima. E está sob ameaça de ser expulso para Portugal, isto é, de ser entregue aos carascos da PIDE.

Um dos piores crimes da ditadura Vargas foi a entrega, à polícia nazista, da mulher de Luís Carlos Prestes, para que ela morresse em um campo de concentração. Que uma revolução que insiste em se dizer democrática vá entregar à polícia salazarista um homem que lutava pela causa da independência de Angola e que veio para o Brasil confiando em nossa simpatia pela causa da libertação das colônias — que esse pobre homem seja condenado à morte depois de tantas prisões e torturas, isso me parece simplesmente monstruoso. O Governador Lacerda poderá fingir que ignora o caso e o Marechal Castelo Branco também; mas o nome do Brasil será coberto de opróbrio em todo o mundo livre e em todo o mundo que luta para ser livre.

Já não peço aqui que se punam os torturadores do angolano: parece provado que neste regime torturar não é crime. Mas que pelo menos deixem em paz Lima de Azevedo ou permitam que ele escolha o país para onde quer ser expulso. Não importa que lá fora ele vá contar o que sofreu aqui; não contará nenhuma novidade. Puni-lo por ter sido vítima de torturas é que me parece uma singular monstruosidade.